



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

GHEYZNA HARY FERNANDES VIEIRA

**AS CRENÇAS DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM RELAÇÃO
AO ALUNO SURDO**

**CATOLÉ DO ROCHA
2016**

GHEYZNA HARY FERNANDES VIEIRA

**AS CRENÇAS DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM RELAÇÃO
AO ALUNO SURDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Ms. José Marcos Rosendo de Souza.

**CATOLÉ DO ROCHA
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

V657c Vieira, Gheyzna Hary Fernandes

As crenças dos professores de língua portuguesa em relação ao aluno surdo [manuscrito] / Gheyzna Hary Fernandes Vieira. - 2016.

36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2016.

"Orientação: Prof. Me. José Marcos Rosendo de Souza, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Crenças. 2. LIBRAS. 3. Ensino. 4. Surdo. I. Título.

21. ed. CDD 371.9

GHEYZNA HARY FERNANDES VIEIRA

AS CRENÇAS DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM RELAÇÃO AO
ALUNO SURDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Departamento de Letras e Humanidades –
CCHA/CAMPUS IV da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Letras.

Aprovada em: 23 de maio de 2016.

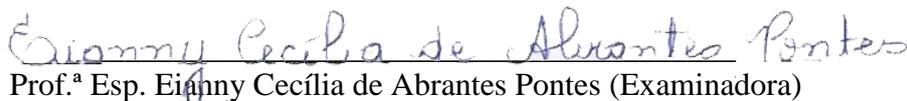
BANCA EXAMINADORA



Prof.º Ms. José Marcos Rosendo de Souza (Orientador)
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)



Prof.ª Me. Marta Lúcia Nunes (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª Esp. Eianny Cecília de Abrantes Pontes (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico estes poucos escritos aqueles que deram-me a vida de forma diferente e tão sublime, escolhendo-me para amar, meus maiores exemplos de vida, de amor, garra, fé e honestidade, a quem não tenho como expressar meu eterno amor e gratidão, a vocês meu pais: **Cícero** e **Benedita**. Aquele que me fez sentir e viver o amor mais puro e verdadeiro deste mundo, meu pequeno **Arthur**. A meu irmão **Décio** (in memoriam) pelo exemplo que foi para mim e pelo grande significado que teve em minha vida.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A trajetória acadêmica é algo único na vida de uma pessoa. No decorrer desse período somos desafiados diariamente, nos deparamos com dúvidas e dificuldades. Porém, são essas experiências que trazem à nossa vida um aprendizado único e gratificante, todas as dificuldades e obstáculos que surgem no caminho tornam-se pequenos diante a grandeza de um sonho. Julgando esta pesquisa como fruto de um árduo trabalho e de uma imensa dedicação, venho utilizar este espaço para apresentar meus mais sinceros agradecimentos a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para que esse sonho se concretizasse.

Não poderia deixar de agradecer primeiramente à **Deus** pelo dom da vida, pela saúde, pelos livramentos diários e por todo o amor e bondade para comigo.

A meus amados pais **Cícero** e **Benedita**, que em um mundo repleto de dificuldades, onde é tão difícil encontrar pessoas dignas e de respeito, eu tive a sorte de encontra-los. A eles, por terem me ensinado que ser pai e mãe ultrapassa o fato de fertilizar uma vida, ser tal é participar dessa vida, é dar amor, carinho e dedicação. E exatamente por esse motivo eu os enxergo como o melhor exemplo de pais, pois não foi necessário que me gerassem para que me amassem de forma tão grandiosa e pura. Pelo apoio, amor e dedicação, por viverem esse sonho comigo e nunca me desamparar.

Ao meu pequeno **Arthur** que foi o maior presente que poderia receber em minha vida, por ser ele minha alegria diária, por fazer de mim uma pessoa melhor a cada dia e me mostrar o lado mais doce da vida.

Aos meus irmãos **Georles** e **Gecton**, a vocês pelo apoio e carinho diários. Vocês exercem um papel fundamental na minha caminhada pela vida, o amor que nos une me faz sentir que jamais estarei só.

A meu irmão **Décio** (in memorian) pelo grande exemplo de ser humano e profissional apaixonado pela vida e a função de professor, profissão que também escolhi para seguir. Pelo amor que é mais forte que a distância que nos separa, pela certeza que permaneceremos ligados pelas lembranças e a saudade que inundam meu coração.

As minha sobrinhas **Hackielly** e **Hickaelly**, tenho por vocês um amor de mãe, vocês também tiveram grande significado nessa jornada.

A meu esposo **Jucimar**, que viveu diariamente esse sonho ao meu lado, que se dedicou diariamente e me deu força nos momentos difíceis da vida. Pela paciência e por me olha devagar, sem pressa, me aceitando com tantas imperfeições, por me enxergar de forma tão especial.

A meus avós **Sebastiana** (in memorian) e **João** (in memorian), por terem sempre acreditado em meu potencial e procurado me proporcionar junto a meus pais um ensino de qualidade sem medir esforços.

A meus sogros **Alcimar** e **Aidêe**, minha eterna gratidão por me terem como filha, pelo apoio na caminhada. Em especial a Alcimar por ter cuidado carinhosamente do meu pequeno todos os dias para que eu pudesse chegar até aqui. Vocês foram fundamentais para a realização desse sonho.

A minha colega **Eliane**, em quem encontrei não apenas uma amiga, mas também uma irmã. Você sempre terá um lugar especial em minha vida, por toda a cumplicidade, paciência e amizade.

A minha colega de trabalhos **Mônica**, por todo carinho e companheirismo nos quatro anos que convivemos diariamente em busca desse sonho.

Ao meu querido **Francisco Neto (Irmão Neto)**, meu eterno carinho e admiração pela pessoa que és. Por sempre me receber e tratar tão bem, pelo carinho, toda atenção e pela amizade a mim concedida.

Aos professores que integram a UEPB/CAMPUS IV, os quais contribuíram com todo seu conhecimento e dedicação, vocês foram peças-chaves na construção do meu sonho. Especialmente o professor **Marcos Rosendo**, que disponibilizou seu tempo, atenção e dedicação às orientações deste trabalho. A você por acreditar e reconhecer meu potencial, pela paciência e toda dedicação.

A toda a minha família que perto ou longe estiveram comigo na luta por esse sonho.

A todos aqui mencionados os meus sinceros agradecimentos e saibam que sou grata a Deus por me proporcionar a dádiva de compartilhar a vida e esse sonho com cada um de vocês. Muito obrigada!

Uma crença não é apenas uma ideia que a mente possui, é uma ideia que possui a mente.

Robert Oxton Bolt

RESUMO

Os indivíduos Surdos durante todo processo histórico foram tratados como deficiente, "coitadinhos" e até incapazes de aprender. Esse tratamento acabou por consolidar crenças e valores sobre esses indivíduos e sobre a LIBRAS. Desse modo, o presente trabalho propõe uma análise e discussão sobre as possíveis crenças de professores graduados em Licenciatura Plena em Letras acerca dos alunos surdos. A pesquisa justifica-se como uma maneira de compreender as crenças dos professores para com os alunos surdos e o que elas refletem a respeito da criação e efetivação de uma educação de qualidade para esses alunos e que essa atenda a suas necessidades e particularidades. Mostrando ainda a importância de reformular a percepção e as crenças que se têm sobre a surdez e o indivíduo surdo. A respeito da metodologia utilizada, trata-se de uma pesquisa de campo – já que coletamos através de entrevista as crenças dos professores; e bibliográfica, que inclui publicações como obras, artigos acadêmicos e dissertações. No que se refere a fundamentação teórica o referido trabalho teve como base autores como Arruda (2012), Gesser (2012) e Lima (2010) dentre outros. Percebemos que as concepções que se têm podem direcionar ações e reflexões no exercício de ensinar de cada professor, nos recursos disponíveis e nos procedimentos empregados considerando que as diversas posições metodológicas e as compreensões que poderão vir a permear a prática docente do professor de Língua Portuguesa, assim como de sua formação acadêmica e também poderão ser obstáculos no processo de ensino-aprendizagem, pois se há a concepção de que os surdos são incapazes de se desenvolverem, isso acaba por comprometer negativamente o processo. E que há uma grande necessidade de se utilizar a LIBRAS na rede regular de ensino e dos problemas com os quais nos deparamos no processo de inclusão do aluno surdo nesta rede, tais como, a carência de conscientizar a sociedade de modo geral.

Palavras-chave: Crenças. LIBRAS. Ensino. Surdo.

ABSTRACT

Deaf individuals throughout the historical process were treated as poor, "poor things" and even incapable of learning. This treatment eventually consolidated beliefs and values about these individuals and the LBS. Thus, this paper proposes an analysis and discussion of the possible beliefs of graduate teachers in Full Degree in Literature about the deaf students. The research is justified as a way to understand the beliefs of teachers towards deaf students and what they reflect about the creation and execution of a quality education for these students and that meets your needs and circumstances. still showing the importance of reformulating the perception and beliefs that have about deafness and deaf individual. Regarding the methodology used, it is a field research - as collected through interviews beliefs of teachers; and literature, including publications such works, academic papers and dissertations. As regards the theoretical foundation said work was based authors as Arruda (2012), Gesser (2012) and Lima (2010) among others. We realized that the concepts that have can direct actions and reflections on the exercise of teaching of each teacher, the resources available and the procedures employed considering that the various methodological positions and understandings that are likely to pervade the teaching practice of the teacher of Portuguese, as well as their education and may also be obstacles in the teaching-learning process, because if there is the idea that the deaf are unable to develop, it ends up negatively compromise the process. And there is a great need to use the LBS in the regular school system and the problems which we face in the inclusion of deaf students process this network, such as the lack of awareness in the society in general.

Keywords: Beliefs. POUNDS. Teaching. Deaf

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 NA SOCIEDADE IMAGENS SÃO CONSTRUÍDAS: O SURDO E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	12
2.1 A surdez e o surdo na sociedade ouvinte	12
2.2 A identidade do Sujeito Surdo	16
3 E NO DESVELAR DOS DADOS SURGEM AS CRENÇAS	21
3.1 O que são crenças?	21
3.1.1 As crenças dos professores de Língua Portuguesa acerca do trabalho com alunos surdos	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
APÊNDICE	

1 INTRODUÇÃO

No contexto escolar é possível perceber que há disparidade entre a legislação brasileira e o seu cumprimento, pois, ainda uma parte da população brasileira não tem oportunidade de acesso à educação, sobretudo, aqueles indivíduos que possuem alguma necessidade especial.

Tendo em mente a ideia de que a educação é o alicerce da democracia e um embasamento essencial para que possamos superar as distinções sociais as quais presenciamos diariamente em nosso país. É indispensável que os ambientes designados a educação possibilitem o ingresso a todos independente de qual seja sua necessidade especial, e ainda mais importante é que estes tenham o tratamento e atendimento de forma significativa à todas as suas necessidades.

Outro ponto importante para que a educação ocorra de forma efetiva para todos é uma boa formação para os professores, além de um bom material didático e suportes tecnológicos que atendam de forma efetiva os diversos públicos de alunos. Na grande maioria dos casos, a formação acadêmica dessa área de profissionais deixa a desejar quando se trata do ensino para surdos, que será o nosso objeto de estudo. Embasados nesta questão temos como objetivo neste trabalho colher as crenças dos professores de Língua Portuguesa a respeito dos alunos surdos, confrontando-as, observando quais são as necessidades existentes no ensino para esse público, o que faltou no processo de formação enquanto professor e como deve ser realizado o processo de ensino-aprendizagem desse alunado.

Para responder essas questões, partimos da concepção de que os surdos compõem uma massa com peculiaridades no processo de ensino-aprendizagem, onde estes fazem uso de uma linguagem diferente da nossa, que é a Língua Brasileira de Sinais e ainda possuem práticas e experiências partilhadas com diversos grupos de pessoas.

No decorrer da nossa história um número significativo de surdos foram suprimidos do convívio social, muitas vezes porque para os ouvintes a grande dificuldade não estava na surdez, mas na ausência da fala.

A pesquisa será uma forma de entender a visão do professor para com o aluno surdo e o que eles pensam a respeito de como não apenas criar, mas também efetivar uma educação de qualidade para os surdos, de forma que essa venha atender a todas as suas necessidades e particularidades. Com ela cruzaremos os diversos pensamentos e experiências chegando assim a um conceito de como os alunos surdos são vistos por esses profissionais da educação.

Nossa pesquisa de caráter qualitativo e exploratório, foi realizada com professores da rede pública municipal de Brejo do Cruz- PB, na qual os mesmos expuseram suas concepções em relação aos alunos surdos. A ferramenta de pesquisa usada foi um questionário que consiste em um documento com legitimidade para nossa pesquisa e possui como objetivo fundamental a aquisição de dados do entrevistado, a respeito de suas concepções sobre os alunos surdos. Posteriormente a coleta partimos para o procedimento de análise dos dados coletados, buscando instalar uma conexão dialógica entre o teórico e a realidade analisada.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A surdez e o surdo em sociedade ouvinte

Nos dias de hoje, ouvimos falar sobre os surdos e a língua de sinais, a LIBRAS, mas de fato o que realmente se sabe sobre os surdos é muito pouco. Esse público na grande maioria das vezes é deixado de lado quando pensamos à formação docente, fato que dificulta e, por vezes, até impossibilita a realização de um trabalho mais produtivo realizado com esses sujeitos. No entanto, aos poucos é possível notar a preocupação de alguns cursos de licenciatura, principalmente no período de 2002 até aqui, que já possuem em sua grade curricular a disciplina de LIBRAS.

A carência dessa disciplina ocorre da relação construída entre a sociedade e a surdez, uma relação negativa que enxergava o surdo como indivíduo incapaz. Então, é importante entender os mais diferentes períodos da história relacionados a esses sujeitos, que lutam diariamente para conquistarem um espaço na sociedade, que é seu por direito. Como mostra Salles (2004, p. 54):

A trajetória social das pessoas surdas sempre esteve dialeticamente implicada com a concepção de homem e de cidadania ao longo do tempo. [...]. Nas civilizações grega e romana, por exemplo, as pessoas surdas não eram perdoadas, sua condição custava-lhes a vida. Posteriormente, há o reconhecimento de que não há surdez absoluta e que os restos auditivos podem ser utilizados e desenvolvidos. No entanto, as pessoas surdas, ao longo do caminho, enfrentam descrédito, preconceito, piedade e loucura.

Podemos relatar a situação do sujeito surdo como excluída, uma vez que, a luta pela uniformidade de direitos dos sujeitos surdos já ocorre a bastante tempo e mostra no vínculo surdo-ouvinte um grande desequilíbrio. Isso porque não possuíam o atributo exímio ao ser humano: a fala e seus valores cognitivos. Uma vez destituídos desses “valores”, os surdos estavam classificados com base em uma visão humana de inferioridade. Durante toda a história os surdos estiveram condenados, avaliados como “algo” sem valor para a sociedade.

Arruda (2012) observa que na antiguidade, os homens veneravam a perfeição tanto do corpo quanto da mente e os que não nasciam perfeitos eram desprezados ou até mesmo sacrificados. A fala era entendida como a expressão do pensamento, então aquele que não a possuísse não era considerado como pessoa. O destino dos surdos muda um pouco quando surge o advento da igreja, que castigava aqueles que sacrificassem algum recém-nascido.

Embora não fossem sacrificados devido a esse castigo, os surdos ainda eram isolados do restante da sociedade. No entanto aos poucos passaram a ser educados, mas essa educação ocorria apenas para surdos de famílias nobres.

Até o século XII os surdos eram privados até mesmo de casarem, eles eram vistos pelos gregos como animais, porque tinha-se a ideia de que o pensamento advinha da fala. Segundo Gesser (2012, p. 84) “[...] os surdos eram todos vistos como débeis mentais, criminosos, loucos, selvagens, comparados até aos animais”, o que ocorria devido os valores sociais dessa época, onde a fala oferecia requisito de humanidade ao indivíduo. Tudo devido as crenças existentes nesse período, ou seja, crenças e ações estão diretamente ligadas. As ações são envolvidas não apenas pelas crenças que temos, mas também pelas circunstâncias contextuais. Fato é que os surdos utilizam a Língua de Sinais para se comunicar, o que contrasta com crenças que a sociedade persiste em preservar, como a crença de que a fala é desenvolvida exclusivamente com o caminho de produção vocal-sonora. Em relação a isso Gesser (2012, p. 85) afirma que:

Diante desse cenário, essas pessoas são empurradas para um contexto patológico, num enquadre ideológico dominante de viés oralista, cujo impacto teve proporções desastrosas na vida e formação educacional dos surdos, testemunhados até os dias de hoje.

O que percebemos então é que, os surdos eram deixados de fora do processo de ensino-aprendizagem, e assim, conseqüentemente eram privados do direito a aquisição e desenvolvimento do conhecimento. Percebemos ainda que não era a surdez que afetava o progresso do sujeito surdo, mas a carência do desenvolvimento de uma língua, de modo proficiente. Assim, confirma-se de fato que diversos estereótipos vinculados aos surdos e à surdez foram e ainda vem sendo muitas vezes estabelecidos por pessoas que persistem em instruir os surdos através de uma língua oral.

Mesmo sabendo que é possível promover a integração entre ouvintes e surdos através da Língua de Sinais, esta sucessivamente esteve suprimida e recusada. Gesser (2009, p.77) nos faz observar uma questão de grande relevância, ao afirmar que:

através da língua nos constituímos plenamente como seres humanos, comunicamos com nossos semelhantes, construímos nossas identidades e subjetividades, adquirimos e partilhamos informações que nos possibilitam compreender o mundo que nos cerca e é nesse sentido que a linguagem ocupa um papel essencial na organização das funções psicológicas superiores.

O reconhecimento da Língua de Sinais, enquanto instituição linguística dos indivíduos surdos, foi uma vitória e um passo muito significativo para os surdos na construção de sua identidade. No entanto, ainda há muita coisa a ser feita pelos surdos que no decorrer de sua história foram discriminados e reprimidos. É necessário incluí-los totalmente à sociedade, atendendo completamente todas suas necessidades e respeitando suas diferenças, sempre tratando-os como pessoas hábeis assim como qualquer outra.

Os Romanos, por exemplo, retiravam dos surdos todos os seus direitos legais, eles não podiam se casar, não tinha direito sobre a herança dos familiares, por exemplo. Referente à religião, a igreja católica qualificava os surdos como seres sem salvação, ou seja, eles não teriam direito ao reino de Deus posteriormente a morte, e com isso sempre tiveram um tratamento inferiorizado ao dos ouvintes.

Como foi observado em Lopes (2007, p. 9) ao afirmar que “assim como o sexo, que aparece marcado no corpo feminino e no corpo masculino, a surdez também marca aquele que a possui, diferenciando os que ouvem daqueles que não ouvem”. O fato de não possuírem a fala como a grande maioria das pessoas faz com que muitas vezes os surdos sejam tratados como deficientes, como foram tratados no passado devido aos valores negativos atribuídos a eles.

É preciso desfazer a ideia de surdez inserida à deficiência, e para quebrar esse paradigma é necessário enxergar que tanto os surdos quanto os ouvintes possuem diferenças e restrições. A surdez necessita ser vista como mais uma das várias diversidades do ser humano, uma vez que, ser surdo não faz de uma pessoa melhor ou pior que um ouvinte, esse fator os torna apenas diferentes. Se assim for, estaremos entendendo que somos seres “normais”, cada qual com suas particularidades.

Devido essa diferença entre surdos e ouvintes, o sujeito surdo percebe e mantém contato com o mundo através de práticas visuais, demonstrando sua cultura especialmente pela utilização da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Como podemos ver em Salles (2004, p. 46):

Quanto à LIBRAS, cabe ressaltar a forma como os indivíduos são nela nomeados, atribuindo-se aos sujeitos características físicas, psicológicas, associadas ou não a comportamentos particulares, os mais variados, os quais personificam e, de certa forma, rotulam os indivíduos. É uma língua, como qualquer outra língua materna, adquirida efetiva e essencialmente no contato com seus falantes. Esse contato acontece, normalmente, com a participação nas Comunidades Surdas, onde a Cultura Surda vai pouco a pouco florescendo e, ao mesmo tempo, se diversificando

em seus hábitos e costumes, que, pelos contextos distantes e diferenciados, refletem regionalismos culturais da Comunidade Surda.

Ser surdo denota compreender sujeitos diferentes e não deficientes, sujeitos que fazem parte de um grupo minoritário que partilha de uma cultura e dialeto visual que é a Língua de Sinais, o que é garantido a eles por lei. Os mesmos possuem esse direito assegurado pelo Decreto no. 5626/05, que condiciona a Lei de Oficialização da LIBRAS de no. 10.436/02 e a Lei de Acessibilidade de no. 10.098/00.

Os surdos assim como qualquer outras pessoas, possuem sua própria história de vida e suas ideias diferenciadas, e trazem em sua natureza uma língua cujo elemento principal são os gestos. Ou seja, os surdos possuem uma maneira particular de se comunicar e compreender o mundo. No entanto essa forma de comunicação, a LIBRAS - Língua de Sinais utilizada pelos surdos, era rotulada somente como uma mímica gestual. Referente a isto, Gesser (2012, p.68) retrata:

Uma percepção quase unânime quando se fala sobre língua de sinais àqueles que nunca tiveram contato com surdos. Indagação que nos leva a concluir que a única forma possível de realização linguística humana é através do canal de comunicação oral, ou seja, falar envolve sonoridade e requer o uso de nossas bocas e ouvidos.

Os preconceitos ao exercício de utilizar sinais para realizar a comunicação sempre existiram, e o que se tinha em mente era que a única forma de comunicar-se era através da fala, uma língua não poderia jamais ser “falada” com as mãos.

Essa exclusão do surdo, seja profissionalmente ou socialmente, até hoje confirma que a língua em alguns contextos pode constituir uma fonte de discriminação social. Visto que, o sujeito surdo é tratado com diferença e por vezes é esquecido pelos ouvintes, isso porque os ouvintes não tem o conhecimento da Língua de Sinais, para muitos deles “a língua” dos surdos, quando na verdade essa não é apenas dos surdos, mas de todos, ela é oficialmente nossa segunda língua.

Essa discriminação acontece não somente no que diz respeito as distinções de nacionalidade, raça, cor, religião ou status econômico. Ela também está presente na relação surdo/ouvinte, tendo em vista que entre esse par existe uma enorme diferença que os distingue, a linguagem oral. Um dos grandes motivos pelos quais existem credices contra pessoas surdas é a falta de informação sobre a surdez por parte do ouvinte que acaba gerando muitas limitações no processo de interação e comunicação com os surdos. Pois, a sociedade

ouvinte não consegue diferir os termos *diferença* e *deficiência*, o que cria muitos obstáculos na inclusão desses indivíduos na sociedade.

É necessário que enxerguemos os surdos “como pessoas completas com dimensões comportamentais, cognitivas, afetivas, sociais, experimentais, estratégicas e políticas” (LARSEN-FREEMAN *apud* GESSER, 2012, p. 64). O surdo precisa ser enxergado como a pessoa normal que ele é, cabe a nós incluímo-nos à cultura surda, lutando contra a classificação de anomalia atribuída a esses sujeitos. É indispensável que se entenda que surdos e ouvintes fazem parte de uma mesma sociedade que deve tratá-los com igualdade, respeitando suas diferenças e não as tratando como deficiência, o que acontece muitas vezes com os surdos.

Como explica Sternberg e Grigorenko que “rotular alguém como possuidor de uma aptidão ou de dificuldade de aprendizagem é o resultado de uma interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele vive” (2003, p.16). Sendo assim, é preciso reconstruir a visão que se tem dos surdos, dando a eles o seu devido reconhecimento e importância, respeitando suas diferenças e particularidades, valorizando sua língua, livrando-os das mais diversas formas de preconceito advinda em grande maioria pela sociedade ouvinte.

O desafio maior é incluir educadores e cidadãos em uma sociedade inclusiva, que compreenda e respeite os surdos, uma sociedade que os trate como pessoas diferentes e não como seres deficientes. É necessário que tenham conhecimento de sua história e de sua língua. Quando assim for, teremos uma sociedade mais justa e igualitária, que trata seus sujeitos de maneira uniforme, atendendo a suas particularidades e os respeitando como cidadãos que são.

2.2 A identidade do sujeito surdo

Conforme o Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa (BECHARA, 2011, p.677) *Identidade* é o “conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa, tais como o nome, idade, estado civil, profissão, sexo, impressão digitais etc”, ou seja, identidade é a compreensão que um indivíduo tem de si mesmo e que o faz um ser ímpar, diferenciado dos demais. Mesmo que em grande número as características que compõem o indivíduo sejam hereditárias ou congênitas, o ambiente no qual ele se encontra interfere diretamente na construção das especificidades de sua identidade, já que a concepção

de identidade encontra-se agregada a uma realidade própria, a algo íntimo que por vezes permanece encoberto por posturas ou condutas.

Sendo assim, a identidade, como afirma Doron e Parot (2001), envolve a questão de uma ideia de si mesmo, a qual acontece através de interações entre os indivíduos, de diálogos e práticas sociais, consistindo em um procedimento efetivo de refacção.

A identidade do indivíduo como sujeito social é formada por meio da história e da cultura, isso não muda em se tratando de identidade surda, uma vez que existe uma cultura surda e essa impulsionará aos indivíduos surdos a traçarem suas identidades, mas não como indivíduos deficientes e sim diferentes. Eles estabelecerão suas identidades como indivíduos que compõem um mundo cultural distinto, no qual é simbolizado pela sua forma de se comunicar.

Referente a cultura surda, Skliar (1998) *apud* Salles *et al* (2004, p. 39), esclarece que:

Falar em cultura surda como um grupo de pessoas localizada no tempo e no espaço é fácil, mas refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem processos culturais específicos é uma visão rejeitada por muitos, sob o argumento da concepção da cultura universal monolítica.

Desta forma, há quem não admita a expressão “cultura surda”, pois há experiência de uma única cultura, comum, que compreende a todos. Dessa forma, a cultura surda constituiria uma subcultura, ou seja, exclusivamente um número de indivíduos submissos à cultura predominante que é a cultura ouvinte, assim, os surdos equivaleriam a indivíduos inferiores, isso por não compartilharem do universo ouvinte.

No campo da identidade surda isso reflete ambivalentemente, pois ao tomarmos como suposição a ideia de que a identidade é um produto social, que surge por meio das interações interpsicológicas (vivências sociais e formas de comunicação). Então, por não fazerem parte da cultura ouvinte, não construíram sua identidade, no entanto, o fato de participarem de um agrupamento social com uma configuração particular de linguagem acabam por fundarem sua identidade.

Mas, não negamos que a diferenciação entre indivíduos ouvintes e surdos que presenciamos na sociedade, quer queira ou não, produz empecilhos para os indivíduos do grupo de Surdos, é como se esses se encontrassem inseridos em um mundo próprio e separados dos demais, ou seja, é como se surdos e ouvintes não pudessem participar do

mesmo contexto social. Essas peculiaridades sociais, também, interferem no modo como a identidade surda é construída, o que poderá gerar múltiplas identidades surdas.

E na procura de uma acepção sobre identidade surda Perlin (1998) *apud* Salles *et al* (2004) determina cinco modelos, são elas: identidade flutuante, identidade inconformada, identidade de transição, identidade híbrida, e identidade surda.

Na *identidade flutuante* o Surdo reflete a imagem de superioridade do ouvinte, vivendo e se expressando conforme o universo dos ouvintes.

Na *identidade inconformada* o surdo é incapaz de apreender a reprodução da identidade ouvinte, hegemônica, e se instala numa identidade na qual considera-se inferior.

Na *identidade de transição* a relação dos sujeitos surdos com a comunidade surda é demorado, provocando a passagem da comunicação visual-oral para a comunicação visual sinalizada, que faz com que o surdo sofra um choque cultural.

A *identidade híbrida* é adotada pelos surdos que nasceram e cresceram ouvintes e perderam a audição, por esse motivo possuem as duas línguas com a submissão dos sinais à reflexão da língua oral.

Já na *identidade surda* aquela em que se encontra na condição de um indivíduo surdo é habitar o universo visual e desempenhar sua prática de Língua de Sinais. Os indivíduos que desenvolvem a identidade surda são concebidos por manifestações as quais os enxergam como sujeitos capazes de desenvolver-se culturalmente, com uma concepção de identidade que só acontece em meio a locais culturais surdos.

Esse exemplo de identidade é percebida naqueles indivíduos Surdos que são independentes socialmente dos indivíduos ouvintes, aqui os surdos são notados como indivíduos que carregam somente uma particularidade, evidente em seu modo de falar, pois enquanto a grande maioria usa a linguagem oral, ele usa a língua visual (Libras) para sua comunicação. É necessário ressaltar, que esse modelo de identidade será formada apenas no surdo, que interage desde cedo com uma comunidade surda, pois será nos embates surdos que nascerão as comunidades em que eles encontrarão suporte cultural. Assim como afirmam Santana e Bergamo (2005, p. 567):

O que ocorre, na verdade, é que, em contato com outro surdo que também use a língua de sinais surgem novas possibilidades interativas, de compreensão, de diálogo, de aprendizagem, que não são possíveis apenas por meio da linguagem oral.

Compreendemos a partir disso que será mais fácil para o surdo formar a identidade surda se houver qualquer ligação com outros grupos de indivíduos surdos que dominem a

Libras, uma vez que, se comunicando com uma pessoa relacionada ao mesmo universo cultural, promoverá de forma mais eficaz e rápida sua identidade.

Ao estabelecer a comunicação com sujeitos pertencentes a um grupo cultural em comum, eles entenderão que os obstáculos encarados por estes são os mesmos e dessa forma, tecerão suas identidades como indivíduos que fazem uso de uma forma de comunicação diferenciada, uma vez que usam o universo visual para se expressarem.

É importante lembrar que no decorrer da história, os surdos foram entendidos como indivíduos que traziam consigo uma característica diferente. Nessa acepção, por meados do século XV e XVI, os surdos foram discriminados, de modo que alguns foram martirizados e assassinados. Como assegura Cialdine (2012, p.11) “Durante esse período, as pessoas adoravam a perfeição do corpo e da mente. Aqueles que não nasciam perfeitos eram deixados para morrer ou mesmo sacrificados. Os raros sobreviventes eram tratados como animais.”

É possível então, afirmar que na antiguidade ser surdo acarretava à ideia de maldição, e de uma vida de aflição e discriminação, em resumo, ser surdo era estar condenado a uma vida de penúria.

Diferente desse discurso de “corpo danificado”, muitos indivíduos surdos batalham nos dias de hoje pelo conceito de surdez como mais *uma, entre tantas outras formas de habitar o mundo e o reconhecimento desta como uma diferença*, abraçando os conflitos e toda complicação que sua condição traz. Como mostra Skliar (2005, p. 6):

A diferença, como significação política, é construída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistências às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante.

Devido a uma ruptura histórica, a surdez transpõe o campo da deficiência, da patologia e dos múltiplos pronunciados biomédicos e começa a tomar um espaço singular na área de estudos da cultura, da linguística, da educação e de tantas outras áreas, como um elemento novo que gera cada dia mais interesse. Longe do ponto de vista clínico e de conjecturas médicas, falar a respeito da surdez é penetrar em assuntos de identidades, procedimentos culturais, diferenças, batalhas por vitórias e concretizações de direitos.

No decorrer da história, o que se entendia por identidade surda passou a produzir novas definições e a forma desses indivíduos passarem a ser enxergados foi modificada, até surgir a Língua de Sinais, que auxiliou os surdos, diminuindo o preconceito e desprezo

existentes. Essa língua reforça a sua identidade, dando ingresso ao universo social e pluricultural. Souza e Santiago (2009, p. 2) afirmam que:

Hoje, a língua de sinais é reconhecidamente uma língua de modalidade viso-espacial com todas as condições e características próprias. Como tal, é transparente e icônica o que significa que mesmo os que não a dominam são capazes de compreendê-la ainda que superficialmente. Portanto, é preciso que os profissionais de um modo geral, compreendam essas questões e transformem suas concepções a respeito da pessoa surda.

A Língua de Sinais é apontada como instrumento de estabelecimento e manutenção da identidade surda, a qual foi sufocada e calada por muito tempo, por meio do exercício da oralização estabelecida pela sociedade, onde o surdo era instruído a “falar” por meio do processo da repetição. Por não predominarem a oralidade, permaneciam suprimidos e avaliados como inábeis de evoluir.

Diferentemente disso, reconhecendo assim o valor da Libras e seu valor para a construção da identidade e cultura surda, é possível dizer que ela é um dos enfoques fundamentais para a formação da identidade surda, pois dispõe aos surdos canais que possibilitem a comunicação e a manifestação de seus pensamentos e ideias. Então, é tarefa nossa atentar que há diversas maneiras de comunicação, uma delas é a oral, e outra maneira é a Língua de Sinais, e esta última desempenha uma função social na vida dos surdos, disponibilizando a eles um estigma identitário e cultural, no qual eles se reconhecem como indivíduos sociais e compartilham de experiências e informações.

Deste modo, é papel das pessoas de um caráter total, analisar sua opinião acerca do indivíduo surdo e mudar seu pensamento a respeito do surdo, enxerga-los não como portadores de uma deficiência, mas como indivíduos competentes, que carregam consigo nada mais que uma peculiaridade enquanto a sua forma de se comunicar, diferença essa que não os proíbem de comunicar-se, já que possuem sua própria língua para se comunicar e exporem suas ideias e opiniões.

3 E NO DESVELAR DOS DADOS SURGEM AS CRENÇAS

3.1 O que são crenças?

Se fizermos uma retrospectiva histórica é possível observar que os surdos foram e por muitas vezes ainda são socialmente excluídos, isso no que se refere aos modelos impostos pela sociedade ouvinte, os quais enxergam os indivíduos com surdez como falha biológica, como um defeito.

Nesse sentido, essa visão de surdo como alguém defeituoso por muitas vezes gera certo preconceito, e em torno dele embutem-se determinada crença. Em relação a isso é preciso percebermos que

[...] um preconceito genuíno sempre esconde algum juízo anteriormente formado que em sua origem teve uma base apropriada e legítima na experiência e evoluiu como preconceito por ter sido arrastado ao longo do tempo sem ter sido reexaminado ou revisto. Nesse aspecto, expressar um preconceito é coisa bem diferente de "dar um palpite". [...] O perigo do preconceito é o fato de sempre estar ancorado no passado – tão notavelmente bem ancorado, muitas vezes, que não só antecipa e bloqueia o juízo, mas também torna impossíveis tanto o próprio juízo quanto a autêntica experiência do presente. Para dissipar os preconceitos, devemos primeiramente descobrir dentro deles os juízos passados, ou seja, desvelar a verdade que possam conter. (ARENDDT, 2012, p.153-154)

Então, seguindo essa lógica, compreendemos que o juízo de valor construído em torno do indivíduo com deficiência, ou surdo, acaba por desencadear para outros contextos sócio-históricos uma verdade infundada, um preconceito.

Isso acaba por consolidar os valores construídos em torno desses indivíduos. Esses valores, as crenças, surgem dos mais variados contextos, e a exemplo disso a educação, já que essa é regida por ideologias. Em relação a isso, sobre as crenças construídas na educação sobre o sujeito surdo, podemos inferir que os períodos históricos educativos trataram e creram que os surdos eram indivíduos incapazes de aprender, ou que precisavam de certos tratamentos terapêuticos e/ou médicos para tratar a surdez.

Souza (2015) salienta que duas filosofias educacionais trataram o surdo como indivíduo incapacitado; a primeira dela é o oralismo – impunha que o surdo deveria falar, pois se acreditava que a fala era a expressão do pensamento; a segunda, a comunicação total, pautava-se na comunicação, isto é, a partir desse modelo educativo criou-se que o importante para o surdo era a comunicação. A partir disso, inferimos que a essas correntes educacionais embutiam-se valores e crenças sobre os surdos.

Outras crenças podem se confluír da influência de pessoas importantes em nosso dia a dia, das experiências vividas e da cultura. Indo da pressuposição de que as crenças, originárias do ambiente cultural e social, tornam-se componente da personalidade do indivíduo, é imprescindível que se explore por perto as conexões entre indivíduo e cultura, procurando entender como ocorre a internalização das perspectivas culturais pelo indivíduo.

Inerente a condição humana e a vida social, a cultura é especificada por Morin (2001, p.35) como constituinte por um:

Conjunto de hábitos, costumes, práticas, savoir-faire, saberes, normas, interditos, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo, gera e regenera a complexidade social.

Em toda sociedade, a cada geração, a cultura é defendida, alimentada, reconstituída e também transformada, para dessa forma não ser assolada. Morin (2002) ainda assegura que assim como não há cultura sem as capacidades oferecidas pelo cérebro, da mesma forma não existiria a linguagem ou reflexão se não houvesse cultura.

Perante tudo isso e do desígnio que as crenças têm suas origens na cultura, assim como foi colocado anteriormente, pode-se assegurar que o indivíduo, possui certas crenças e simultaneamente converge a operar conforme essas, sendo assim, pensa e enxerga o universo por meio delas. Assim, compreende-se que a crença é uma maneira de conduzir os comportamentos e também de limitá-los.

Segundo o dicionário Aurélio (2001) crença vem a ser um ato ou efeito de crer em algo, uma fé religiosa ou uma convicção íntima. A partir disso, podemos compreender inicialmente que a crença é uma ideia densa e sem uma alegação racional de valores, sendo uma declaração puramente subjetiva, isto é, a crença não é e nem necessita ser provada racionalmente, pode não ser verdadeira e trabalha a parte subjetiva do conhecimento.

Conforme as crenças se estabelecem, serão criados os mais diversos tipos de pré-conceitos, os quais possivelmente reforçarão as crenças que os produziram.

Para Rokeach (1973) as atitudes acionam crenças, no entanto, não são todas as crenças que produzem, essencialmente, as atitudes, uma vez que, as crenças apresentam somente uma conduta cognitiva quando as atitudes são além de cognitivas também afetivas.

Cada crença assumida ao decorrer da vida necessita de um “serviço preparatório” para se fundarem. E podem estar acopladas as mais diferentes esferas ideológicas como a educação (conforme expusemos anteriormente), a igreja, a tradição, e tantas outras esferas.

Em relação as crenças construídas pela igreja, durante a Idade Média, a igreja começou a ser a voz de comando, estabelecendo seus dogmas por meio de julgamentos originados dos mais antigos períodos. Nota-se a reconstrução dos discursos ao padrão teocêntrico, no qual Deus e a religião encontravam-se no centro do mundo.

Geraldi (1997, p. 27) propõe que “ainda que os interlocutores possam compartilhar algumas de suas crenças, sempre se está reorganizando, pelos discursos, as representações que se fazem do mundo e dos objetos, de suas relações e das relações dos homens com o mundo e entre si”, assim, o homem volta seus cuidados para o vínculo entre Deus e homem.

Nesse período ainda não havia conhecimento suficiente que esclarecesse que a surdez era apenas a capacidade de ouvir, e conforme os discursos desse período, a surdez encontrava-se ligada à carência de Deus, marcada como domínio demoníaco, punição de Deus, e o sujeito surdo era considerado impossibilitado de conviver em sociedade pelo fato de não poder pronunciar os sacramentos.

Novamente, a surdez encontrava-se fixada à ausência da produção da fala como os ouvintes. Na Idade Média, nas percepções religiosas, os indivíduos passaram a enxergar o sujeito surdo como um indivíduo merecedor de misericórdia, permitindo-os existir, no entanto os surdos eram inseridos em locais que os mantivessem separados da convivência social.

Como percebemos a partir disso, a crença não é algo que surge repentinamente, de um instante para o outro: é preciso escutar, atribuir certo valor e posteriormente quando esse valor se consolidar socialmente, teremos uma crença.

Ao que diz respeito à discussão de se provar alguma coisa como maneira de estimular a crença, Wittgenstein (2009, p. 108) declara que “sempre que aquilo que é dito me parece um bocadinho absurdo eu diria: 'Pois, neste caso não há provas suficientes.' Se é completamente absurdo não”. A configuração de uma crença surge no interior do indivíduo, ainda que também receba influência dos mais diversos fatores externos e do meio social.

Temos uma sociedade que ainda não se encontra arranjada para acolher o indivíduo surdo, pois essa ainda pauta-se em valores e crenças que acabam por minimizar e inferiorizar as minorias. E nesse caso, os surdos, já que ainda há de forma efetiva uma condição para que esse indivíduo expanda e solidifique sua Língua.

3.1.1 As crenças dos professores de Língua Portuguesa acerca do trabalho com alunos surdos

A surdez impede que a comunicação entre ouvinte e surdo seja estabelecida, uma vez que, ambos possuem línguas diferentes e, além disso, deixa o indivíduo surdo em maior

desvantagem, tendo em vista que vivemos em um universo no qual a língua oral é predominante, combinada por expressões e uma gramática as quais não são de conhecimento dos surdos.

Nesse universo, devemos destacar o contexto escolar, no qual é comum a presença de alunos surdos e ouvintes. Ainda nesse contexto, lecionam para indivíduos que não possuem a audição como uma das ferramentas para comunicação e auxílio para que a aprendizagem ocorra. Enquanto os ouvintes possuem uma língua oral-auditiva os surdos possuem uma visual-espacial.

É oportuno ressaltar que todo e qualquer indivíduo se encontra apto a progredir e aprender, e isso apenas se inicia com uso da língua materna do indivíduo. No entanto, para os indivíduos surdos, a aprendizagem as vezes é comprometida, justamente, pela ausência de sua língua nesse processo.

Sobre isto, Goldfeld (2002, p. 28) reflete que há uma inferioridade social e histórica quando falamos sobre indivíduos surdos, já que esses são o espelho da carência da fala, o que designadamente sucede a crença:

[...] de que o surdo era uma pessoa primitiva fez com que a ideia de que ele não poderia ser educado [ou em sociedade] persiste até o século XV. Até aquele momento eles viviam totalmente a margem da sociedade e não tinham nenhum direito assegurado.

É importante ratificarmos que a LIBAS permitiu ao surdo alcançar a comunicação, um rompimento de limitações e a produção de conhecimento. Uma língua distinta que precisa ser considerada e utilizada, já que diz respeito a uma língua legitimamente reconhecida, mesmo que somente uma pequena parcela de pessoas utilize-a.

Por essa peculiaridade e outras crenças que constituem o universo da surdez e da LIBRAS, nos propomos a analisar as crenças de professores de Língua Portuguesa.

A pesquisa foi realizada com 10 professores de Língua Portuguesa que atuam nas escolas da rede municipal de educação da cidades de Brejo do Cruz-PB, no Ensino Fundamental II, em turmas de 6º a 9º anos. Todos os professores foram formados em universidades públicas, dois desses professores possuem especialização e um é especialista, mestre e doutorando, os demais apenas graduação. Em relação ao tempo de serviço, apenas duas professoras se formaram há mais de dez anos, os outros oito professores formaram-se entre os anos de 2010 e 2014.

Nosso questionário foi formado por cinco questões na quais os professores tiveram total liberdade de expor suas concepções sobre o aluno surdo e outros pontos que se encontram ligados a esses indivíduos, como por exemplo, a LIBRAS. Nesse mesmo questionário os professores tiveram um espaço reservado para informar o ano de conclusão de curso e as formações continuadas que os mesmos possuem.

Na escolha das questões a serem analisadas, foi levado em conta a relevância das mesmas e foram evitadas respostas que se mostraram repetidas. Baseado nesse questionário, é possível perceber a crença desses professores sobre a LIBRAS.

Quando questionados sobre o que é a LIBRAS e a importância de seu ensino tivemos algumas respostas como:

PROFESSOR 1: *A LIBRAS é uma língua oficial, de natureza visual-espacial, por meio da qual a comunidade surda brasileira interage e realiza diferentes ações sociocomunicativas.*

PROFESSOR 2: *[...] é uma língua e possui uma estrutura gramatical própria, ultrapassa as ideias daqueles que acreditam ser apenas gestos de mímicas, como uma maneira de comunicação entre os deficientes auditivos.*

PROFESSOR 5: *[...] é a Língua Brasileira de Sinais, que possui uma estrutura gramatical própria, sua modalidade é visual-espacial e é utilizada pelos deficientes auditivos.*

É perceptível que o tempo torna-se um fator propício no desenvolvimento das crenças, pois os professores acima expuseram crenças que se assemelha em alguns pontos e divergem em outros. Contudo, podemos notar um destaque no Professor 1 (que possui 3 meses lecionando a disciplina de Língua Portuguesa há três meses, formou-se recentemente no ano de 2013, é mestre em literatura e doutorando) não trata o surdo como deficiente, ao contrário dos outros dois professores 2 e 5, que se referem aos indivíduos surdos como “deficientes auditivos”.

Para Barcelos (2006) as crenças são edificadas em nossas práticas, que é o resultado de um artifício de interação e ressignificação. Para ela, as crenças são estabelecidas socialmente, podendo ser também instaladas individualmente. Ativas e contextuais pelo fato de se transformarem por meio de um tempo ou por determinada ocasião.

Essa imagem de um indivíduo diferente como pessoa deficiente está amarrada a posturas sociais fundamentadas nos mais diferentes fatores, que tem o poder de erguer uma barreira que irá atrapalhar a interação e a igualdade. Na maioria das vezes em quem se direciona o olhar para um indivíduo com deficiência o que reparamos são suas limitações quando é preciso focar as habilidades que esses indivíduos possuem. Sobre isso Gesser (2009,

p.76) afirma que “não é a surdez que compromete o desenvolvimento do surdo, e sim a falta de acesso a uma língua”.

Caso não encontre empecilhos de outra natureza, o indivíduo surdo tem condições para desenvolver suas competências cognitivas. E para tal, a utilização da LIBRAS é importante, pois essa é sua língua, e a língua é nossa forma de comunicação, com ela estabelecemos nossas identidades, adquirimos e compartilhamos dados que nos permitem entender e discutir o universo em que vivemos.

A LIBRAS é essencial para o indivíduo produzir uma conexão com a comunidade surda, para se ter conhecimento de suas ideias e saberes e para estabelecer sua identidade. Assim como afirma Strobel (2008, p. 44):

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta a língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal.

Dessa forma, o que compreendemos é que todas as culturas e identidades são operantes e se encontram relacionadas aos discursos gerados e a natureza das relações sociais. No que diz respeito a relação com um aluno surdo, os entrevistados foram questionados sobre como enxergam a presença desse aluno na sala de aula e obtivemos as seguintes respostas:

PROFESSOR 3: *Considero que o portador de tal deficiência necessita de cuidados especiais para que ele seja incluído em culturas diferentes da dele, bem como promovendo um desenvolvimento pessoal e coletivo.*

PROFESSOR 4: *A participação dos indivíduos surdos no âmbito educacional é importante e seu direito à educação de qualidade tem de ser garantido.*

PROFESSOR 5: *[...] é preciso que os professores sejam preparados e a escola adaptada para o ensino alcançar o objetivo da aprendizagem desse aluno.*

PROFESSOR 8: *De uma maneira diferencial.*

PROFESSOR 10: *A educação em seu direito tem que ser para todos, independente de toda e qualquer condição, seja social ou física. O surdo ou aluno surdo na educação é antes de tudo um grande desafio para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, primeiro pelas condições necessárias para que se efetive a educação para esse aluno, que exige práticas diferentes, mas diante todos os desafios que esse aluno e todos da escola venham enfrentar.*

Mais um professor vem tratar a surdez como deficiência, nesse caso o Professor 3, que carrega um discurso que torna o indivíduo inferior pelo simples fato dele não ouvir. Podemos inferir que esse professor enxerga a necessidade de incluir o surdo em uma cultura que não é sua, a cultura ouvinte, dando a entender que esta é uma forma de gerar um desenvolvimento individual e social desse indivíduo. Quando na verdade deveria ser exatamente o oposto.

Ao invés de se impor uma cultura que não é sua, deveria haver mais respeito à cultura surda, pois essa é legítima e precisa ser reconhecida. Gesser (2012, p.97) afirma que “em todos os grupos, a cultura determina e é determinada por nossa forma de ver, explicar, interagir, ser e entender o mundo”. Então é necessário incluir sim o surdo sem deixar de reconhecer e trabalhar com suas diferenças, respeitando suas individualidades e jamais impondo algo.

Como vemos na fala do Professor 8, quando este diz que enxerga a presença desse aluno de forma diferencial, o mesmo transmite exatamente a ideia que pretendemos passar, de que o aluno surdo não é mais ou menos hábil a aprender e se desenvolver, ele apenas possui formas e caminhos que divergem dos de um aluno ouvinte.

Já os Professores 4, 5 e 10 concordam que é de fundamental importância trazer o aluno surdo para sala de aula e reconhecem que esse direito é assegurado por lei, mas também ressaltam que é necessário que se tenha condições adequadas para um aprendizado efetivo. Segundo Minetto (2008, p. 19):

A educação é responsável pela socialização, que é a possibilidade de convívio, com qualidade de vida, de uma pessoa na sociedade; viabiliza, portanto, com um caráter cultural acentuado, a integração do indivíduo com o meio. A ação pedagógica conduz o indivíduo para a vida em sociedade, produzindo cultura e usufruindo-se dela. É certo que as modificações em todos os âmbitos da sociedade afloram as desigualdades, de modo a impulsionar discussões sobre as exclusões e suas consequências e lançar a semente do descontentamento e da discriminação social, evidenciando-se a necessidade de mudanças nas políticas públicas.

É necessário que o método de ensino, as formas de avaliar sigam as mudanças que acontecem diariamente na sociedade, é preciso de um ensino que englobe as diferenças de todos, de maneira que nem o aluno ouvinte e tampouco o aluno surdo tenham perdas na aprendizagem e possam se desenvolver em todos os campos do conhecimento e em todos os aspectos: sociais, culturais e políticos.

O que percebemos na fala desses três professores é reconhecimento para se falar em uma educação inclusiva e que seja efetiva para esse alunos vai além de simplesmente “joga-

lo” em uma sala de aula. É necessário um trabalho que começa na formação do professor e de todos os funcionários da escola que irão se envolver com esse aluno.

Dentro da escola, o aluno que possui alguma deficiência é responsabilidade de todos aqueles que fazem parte da unidade escolar, embora muitos pensem o contrário e acreditem que esta responsabilidade é única e exclusiva do professor. É necessário que todos estejam se encontrar envolvidos e assessorando esses alunos, uma vez que estão ingressando nas escolas e devem ter entendimento da mesma, a respeito de o que é instruir.

A educação para surdos que são incluídos em uma sala regular compreende diferentes indicadores: como currículo, o tipo de material didático, adequação do espaço escolar, e sobretudo a formação do professor que lidará com a inclusão. Em compensação, este procedimento de inclusão de alunos surdos em escolas regulares é uma disposição internacional, assim como foi enfatizado na Declaração de Salamanca de 1994, um documento da UNESCO a respeito dos preceitos e métodos no campo das necessidades educacionais especiais:

“As crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso à escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades.”

Nesta declaração é possível notar o que disse o Professor 10, compreendemos que não é o aluno surdo que necessitará adequar-se à escola, mas sim a escola precisará produzir condições para atender o aluno surdo ou o aluno com qualquer outra deficiência, e assim sendo competirá ao poder público realizar as adaptações, sejam elas físicas, em edifícios, banheiros ajustados na circunstância de cadeirantes e alunos cegos, ambientes com iluminação apropriada, assim como também capacitação dos profissionais, como a formação de todos que trabalham na escola, já que esse aluno terá contato não apenas com o professor, mas com todos da escola.

É necessário oferecer uma inclusão real, efetiva e que tenha significado para o aluno surdo. No que diz respeito a interação entre professor e aluno, devemos entender que esta não está amarrada exclusivamente nos conteúdos e saberes prévios de ambos, é necessário uma interação dialógica, conforme Mortimer (2002), que caracteriza a interação entre professor e aluno como basicamente dialógico-comunicativa. Movendo-se da visão de avaliar o diálogo entre professor e aluno na aula, perguntamos se os professores acreditam ser possível incluir alunos surdos em classes com alunos ouvintes e conseguir realizar um trabalho de ensino e aprendizagem produtivo:

PROFESSOR 1: *Eu acredito que sim. Mas para isso a escola deve estar munida de recursos humanos e tecnológicos e de toda uma infraestrutura adequada para essa inclusão.*

PROFESSOR 3: *Sim, desde que haja um acompanhamento de profissionais especializados, ou até mesmo, incluindo na grade curricular o ensino da LIBRAS.*

PROFESSOR 6: *Sim, pois todos temos direito a igualdade de oportunidades.*

PROFESSOR 7: *Sim, mas para essa aprendizagem acontecer é necessário que as escolas possam assegurar principalmente a presença de profissionais capazes de desenvolver um trabalho produtivo, tais como professores capacitados ou especializados, que possam lidar com alunos surdos de forma que aconteça um entendimento comunicativo entre ambos, o que vai favorecer na aprendizagem e na comunicação com os demais.*

PROFESSOR 8: *Sim, porém, existem vários recursos necessários no qual pode-se atender as necessidades desses alunos sem prejudicar os demais.*

PROFESSOR 9: *Sim, desde que haja mecanismos e formas de inclusão para que o aluno surdo possa acompanhar o ritmo do aluno ouvinte.*

Vemos na fala de todos os professores que eles por unanimidade reconhecem que o aluno tem o direito de conviver na mesma escola que alunos ouvintes, que eles tem direito de participarem de um conjunto de pessoas, vivendo igualmente com todos e que é possível dar chances para o aluno que é surdo para que esses participem do ensino regular. Os professores citaram a entrada do surdo nas salas regulares como algo importante.

As respostas dos professores vão de intersecção ao que assegura Damázio (2007, p.14) “garantindo-lhe desde cedo, utilizar os recursos de que necessita para superar as barreiras no processo educacional e usufruir seus direitos escolares, exercendo sua cidadania, de acordo com os princípios constitucionais do nosso país”. Assim, “uma das maiores preocupações é a aplicação eficaz do princípio da igualdade para se alcançar a justiça”. (FÁVERO. 2007, p. 13). Partindo dessa ideia de que introduzir um indivíduo em qualquer coisa que ele não se encontra, Lima (2010, p.53) completa ressaltando, “a inclusão escolar significa a oportunidade de aprender competências básicas para uma vida digna”. Dessa forma a inclusão é o envolvimento de todo e qualquer aluno na história escolar.

O fato é que a inclusão pode ser efetivada, mas isso só acontecerá se as necessidades dos alunos surdos forem atendidos e não a dos ouvintes. Só assim teremos inclusão. Os professores indicaram que é necessário uma qualificação apropriada para os profissionais que irão conviver com os alunos surdos, e que é imprescindível atender as necessidades particulares dos alunos para que assim eles venham a expandir suas potencialidades, e para que isso aconteça Goffredo (1999, p. 68) alega que “é indispensável uma reforma na

formação dos professores, que precisam aprender a identificar e atender às necessidades especiais de aprendizagem de todas as crianças, jovens e adultos portadores ou não de deficiência”. É necessário ter sensatez e investir na formação dos professores de maneira particular.

Também é fundamental investir na formação de todos que são do ramo da educação e que uma hora ou outra irão deparar-se com um aluno que possui alguma necessidade especial. De um modo geral, a comunidade escolar completa terá de se comunicar com o aluno surdo.

Escutamos a todo instante se falar em inclusão e que o aluno pode e deve ser incluído, mas o que acontece nas escolas pode realmente ser chamado de inclusão? Ou seria melhor definido como integração? Será que esse aluno que é surdo está realmente alcançando seus direitos? E a escola, será que está realmente preparada em todos os aspectos para recebê-los? A respeito desses questionamentos que aparecem a partir da fala dos professores e geram uma discussão a respeito da escola ideal para incluir o aluno surdo, Strobel (2006, p. 252) adverte que:

O sujeito surdo deve ter a possibilidade de estudar [...] e lutar por espaços onde possa comunicar-se e ser entendido adequadamente; entretanto, a realidade é que existe no Brasil o total de 5.564 municípios e é ofertado atendimento de educação especial a 82,3% destes municípios. O que fazer com os sujeitos surdos que moram em cidades pequenas, onde não existe comunidade surda?

Na verdade, estamos conscientes de que existem um número pequeno de escolas no Brasil que encontram-se realmente aparelhadas para atender o aluno com necessidades educacionais especiais. O que compreende também ao professor, que na maioria das vezes não possui formação especial para trabalhar com o indivíduo surdo. Sem haver condições que são indispensáveis para que esse aluno progrida cognitivamente e socialmente, o que se nota é que as individualidades do aluno surdo em uma escola não é acatada e que esses e tantos outros obstáculos da língua, mostrando que a escola ainda não se encontra organizada para recebê-lo.

O que notamos ainda na fala dos professores, é que embora a resposta a pergunta de ser ou não possível incluir alunos surdos em classes com alunos ouvintes e ser possível realizar um trabalho de ensino e aprendizagem produtivo ter sido por unanimidade sim, a resposta do Professor 8 mostra que mesmo enxergando as diferenças que esse aluno tem, a crença de que ele tem um desenvolvimento cognitivo mais lento em relação ao aluno ouvinte e que este é colocado como inferior em relação ao ouvinte. Mas na verdade, o que realmente

acontece muitas vezes é a falta de profissionais, metodologias e um espaço adequado para atender esse aluno de acordo com suas particularidades.

Os professores deixam clara em suas falas a crença de que o surdo necessita de tudo, menos da língua, em todos os casos eles falam que é necessário ter recursos tecnológico, mas apenas o Professor 3 ressalta a importância da língua que é fundamental para que a aprendizagem aconteça e esse professor fala em incluir ao LIBRAS na grade curricular. Ambos falam em um profissional capacitado, o que mostra que eles a todo tempo tentam se eximir da responsabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sabemos, o processo de ensino-aprendizagem pode refletir as ideias, as crenças e os conhecimentos de diversos contextos, principalmente, daqueles que “guiam” o aluno nesse processo. Assim sendo, o referido trabalho buscou analisar as crenças de professores de Língua Portuguesa a respeito de alunos Surdos.

Inicialmente pudemos perceber através da história desses sujeitos a repressão e exclusão social, ocasionadas pela surdez. Ser surdo significava ser incapaz. Logo, a história desses sujeitos faz emergir imagens de como a maioria ouvinte os enxergou.

Essas imagens foram construídas levando-se em consideração valores, rótulos, estereótipos que acabam contribuindo para a consolidação de crenças. A partir do que trouxemos aqui, pudemos compreender que crenças são valores socialmente consolidados, remanescentes de vários contextos sócio-históricos.

A partir disso, trouxemos algumas reflexões e inferências, pelas quais pudemos perceber a importância de permitir a esses indivíduos a chance de crescer de maneira equivalente aos ouvintes, e para isso se faz necessário aceitarmos sua língua e sua diversidade.

Mostramos que não podemos negar aos Surdos o direito de existirem como parte integrante e participarem de forma efetiva em nossa sociedade. Além disso, o surdo necessita que se promova uma conexão com sua cultura, a fim de que se conheça e possa empregar de modo efetivo a língua de sinais. Em relação a identidade do sujeito surdo, essa é inerente ao indivíduo, mas (re)construída socialmente. E bem como cada indivíduo possui particularidades culturais que distinguem o modo de enxergar, sentir e relacionar-se com todo o mundo.

Para nossas análises, a partir de um questionário entregue a professores da cidade de Brejo do Cruz-PB, pudemos ver crenças de professores sobre o aluno surdo, o que foi possível compreender é que todos os professores conhecem os direitos que os alunos surdos têm de conviver em uma sala de aula regular de ensino com alunos ouvintes e que esses deve ser auxiliado pedagogicamente em suas necessidades.

Entre as crenças enfatizadas na análise dos dados, destacamos a crença de que o professor apropriado para os surdos é o professor que predomina e faz uso da Língua de Sinais e que aceita essa língua e a comunidade surda. Ressaltamos, também, que existe a crença de que a surdez dificulta a comunicação deixando o surdo em desvantagem, uma vez

que habitamos um universo onde a linguagem oral é predominante, mas que isso pode ser desconstruído, desde que se faça uso da Língua de Sinais.

O que foi notado é que os professores acreditam que a falta de profissionais capacitados e apoio tecnológico são empecilhos no processo de ensino e aprendizagem e não compreendem que a principal ponte para esse processo é a língua, no caso do surdo, a LIBRAS que admite a ele uma configuração de comunicação distinta que precisa ser utilizada na aprendizagem, já que estamos falando de uma língua legalmente conhecida, mesmo que uma minoria faça uso dela.

É necessário que professores reconheçam que assim como o ouvinte, os surdos são pessoas e como qualquer outro possui sua língua. É necessário desfazer a crença de que os surdos são inferiores aos ouvintes, pois os surdos, têm o potencial, o que eles precisam é do meio e, a LIBRAS é o meio fundamental para o processo de aprendizagem.

Com essa pesquisa, pudemos refletir acerca das crenças construídas em relação aos surdos e a LIBRAS. Esperamos que essa reflexão possa alcançar professores e a sociedade de forma geral, para que todos conscientizem-se das particularidades e dos direitos que pessoas com deficiência possuem, nesse caso os surdos. Para assim, os professores reavaliarem suas crenças e procurarem métodos de ensino-aprendizagem e para que lancem um novo olhar sobre a surdez e o aluno surdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, Francisco Edmar Cialdine. **Entre mãos e línguas**. Língua Portuguesa, Conhecimento Prático, nº 21, 2012.

ARENDT, H. **A promessa da política**. 4.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

BARCELOS, Ana Maria F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, Ana Maria F.; ABRAHÃO, M. H. V. (Orgs.). **Crenças e Ensino de Línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. São Paulo, Pontes, 2006. p. 15-42.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras: Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2011.

CIALDINE, Edmar. **A história da educação (linguística) dos surdos**. Língua Portuguesa, Conhecimento prático. Nº 31, 2012.

DÁMAZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado para Pessoa com Surdez**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

DORON, Roland; PAROT, Françoise. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Ática, 2001.

FÁVERO, Eugênia Augusta Gonzaga; PANTOJA, Luisa Marillac P; MONTOAN Maria Tereza Eglér. **Aspectos Legais e Orientações Pedagógicas**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

GERALDI, JW. **Portos de Passagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GESSER, Audrei, **LIBRAS: Que língua é essa? : Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial.

GESSER, Auderi. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GOLDFELD, Márcia. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Socio-interacionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GOFFREDO, Vera Lúcia flôr Sénéchal de. Como formar professores para uma escola inclusiva?. In **Salto para o futuro: Educação Especial: tendências atuais** / Secretaria de educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

LANE, Harlan. **A mascara da benevolência: a comunidade surda amordaçada**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

LIMA Priscila Augusta. **Educação inclusiva: indagações e ações nas áreas da educação e saúde**. São Paulo: Avercamp, 2010

LOPES, M. C. **Surdez e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINETTO, M. F. **Currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. 2 ed. Ver. Atual ampliada. Curitiba: Ibpex, 2008.

MORIN, E. **O Método 5: a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2001.

MORTIMER, Eduardo F.; SCOTT, Phil. **Atividades discursivas nas salas de aula de ciências: Uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino**. Investigações em ensino de ciências, v. 7, n. 3, p. 283-306, 2002.

ROKEACH, Milton . **A natureza dos valores humanos**. New York : Free- Press, 1973 .

SALAMANCA, Declaração de. **Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Espanha: Salamanca, 1994.

SALLES. Heloísa Maria Moreira Lima. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SANTANA, Ana. Paula. BERGAMO, Alexandre. **Cultura e Identidade Surdas: Encruzilhada De Lutas Sociais e Teóricas**. Educação e. Sociedade, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005

SANTIAGO, Sandra Alves da Silva, SOUSA, Ana Lúcia de. **A leitura de um mundo surdo: uma proposta de inclusão social do surdo**. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/extensaocidada/article/view/1381/1054>> Acesso em: 15/01/2016 as 10:25.

SKLIAR, Carlos. **Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças.** In: SKLIAR, Carlos (Org.). A surdez – um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

STERNBERG, Robert J. e GRIGORENKO, Elena L. **Crianças Rotuladas.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

STROBEL, Karin, As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

STROBEL, Lilian K. **A visão Histórica da In(Ex)clusão dos Surdos Nas Escolas.** Artigo. Grupos de estudo e subjetividade. Junho. 2006.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Aulas e Conversas sobre Estética, Psicologia e Fé Religiosa.** Compilado a partir de notas recolhidas por Yorick Smythies, Rush Rhees e James Taylor. Organizadas por Cyril Barrett. Miguel Tamen, trad., Lisboa: Cotovia, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO DE PERGUNTAS PARA PROFESSORES



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – CLPL**

PESQUISADORA: GHEYZNA HARY FERNANDES VIEIRA

NOME: _____

GRADUAÇÃO: _____

ANO DE CONCLUSÃO DA GRADUAÇÃO: _____

TEMPO QUE LECIONA: _____

FORMAÇÃO CONTINUADA (ESPECIALIZAÇÃO): SIM() NÃO()

AS CRENÇAS DOS PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM RELAÇÃO AO ALUNO SURDO

QUESTIONÁRIO

- 1 – O que são pessoas surdas?
- 2 – Como você enxerga o surdo ou a presença de alunos surdos na educação?
- 3 – Você acredita que é possível incluir alunos surdos em classes de alunos ouvintes e conseguir realizar um trabalho de ensino e aprendizagem produtivo?
- 4 – Como você enquanto professor de Língua Portuguesa ensinaria essa língua a alunos surdos?
- 5 – O que é a Libras? E o ensino de Libras tem importância, hoje?